**RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NA ESCOLA TRADICIONAL: ANÁLISE DA OBRA CAZUZA, DE VIRIATO CORRÊA**

Jéssica Paulina da Silva Cavalcante

Graduanda em Pedagogia, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMSAUL

E-mail: [jessicapaulinacavalcante@gamil.com](mailto:jessicapaulinacavalcante@gamil.com)

Wellen Conceição da Silva

Graduanda em Pedagogia, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMSAUL

E-mail: [wellenangel1423@gmail.com](mailto:wellenangel1423@gmail.com)

Cristiane Lima de Oliveira

Graduanda em Pedagogia, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMSAUL

E-mail: [cristianelimaoliveira36@gmail.com](mailto:cristianelimaoliveira36@gmail.com)

Maria Roberta de Sousa do Vale

Graduanda em Pedagogia, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMSAUL

E-mail: [bethavale15@gmail.com](mailto:bethavale15@gmail.com)

**RESUMO**

Neste presente trabalho, será analisado como se dava a relação entre professor e aluno na Escola tradicional, que mesmo recebendo inúmeras críticas, e tendo passado por muitas transformações até o século XX, ela ainda predominava no século XIX, século este em que foi escrito a obra Cazuza de Viriato Corrêa que servirá de base para nossas análises. Mostraremos que as maiorias dos professores tradicionais eram portador e detentor do saber, e o aluno como um mero receptor, no qual a ordem da classe era adquirida por meio dos castigos corporais, que a metodologia do ensino era centrada nos exercícios de memorização, e que o esforço do aluno era estimulado por meio de atividades de competição, podendo haver como resultados prêmios ou punições. Diante disso enfatizaremos como a ação do professor pode interferir de forma positiva ou negativa na vida escolar do aluno. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, e autores como ARANHA (1990), FREIRE (1978) e TRILHA (2006) subsidiam a análise.

**Palavras-chave:** Escola Tradicional.Cazuza. Professor. Relação.

**INTRODUÇÃO**

O livro Cazuza de Viriato Corrêa, escritor maranhense nascido no município de Pirapemas é considerado um dos maiores clássicos da literatura infantil, que conta a história do menino Cazuza e suas vivências de infância e por consequência narra sua trajetória escolar, demonstrando os três diferentes contatos que o menino teve com a escola.

Este presente artigo mostra como se dava o relacionamento entre professor e aluno na sala de aula da Escola tradicional, escola esta que passou por muitas mudanças até o século XX, as críticas a esse modelo de ensino eram de que os métodos de ensino/aprendizagem impediam o aluno de agir por si só, por isso ela passou a ser vista com desconsideração e muitas vezes de forma caricaturada. Esse modelo pedagógico foi o que mais perdurou em toda a prática educacional ao longo dos séculos, embora os conteúdos tenham variado e inovado no decorrer dos tempos.

Mostraremos que o pedagogo tradicional era portador e detentor do saber, e o aluno como um mero receptor, isto é, aquele que é desprovido, sem luz, mente em branco, a ordem restabelecida e por eminência decastigos corporais, e a metodologia do ensino era fundamentada em aulas explicativas e expositivas para a memorização do educando. E o esforço do aluno era estimulado por meio de atividade de competição entre eles, podendo haver como resultados prêmios ou punições.

Busca-se nesse trabalho enfatizar como a ação do professor pode interferir de forma positiva ou negativa na vida escolar do aluno, e para que a relação pedagógica não perca consistência, é necessário que haja uma boa convivência entre ambos. Para realização dessa pesquisa utilizamos como fonte a análise da obra Cazuza de Corrêa.

**ESCOLA TRADICIONAL**

A Pedagogia tradicional predominou no século XIX, seus dispositivos e característica que a denomina como tradicional são, a dominação, controle, disciplina, rigidez, o autoritarismo, o estrado do professor, que era muitas vezes comparado a um púlpito, também os exames aplicados aos alunos, às recitações das lições, o uniforme, os livros didáticos e até mesmo algumas formas de punições e castigos.

A escola tradicional tinha como finalidade universalizar o ingresso do indivíduo no conhecimento, pretendia-se com o ensino tradicional transmitir conteúdos para os alunos através da memorização e repetição mecânica, no qual esses conteúdos eram transmitidos sem significação para os alunos, assim como Jaume Trilla descreve na sua obra, A pedagogia da felicidade:

Na escola tradicional frequentemente se tenta ensinar a ler e a escrever por meio de um discurso carente de conteúdo verdadeiro, que não desperta interesse algum, nem no emissor nem no receptor, nem no professor nem no aluno. É uma linguagem inútil e falsa, uma linguagem que não cumpre nenhuma das autênticas funções da comunicação. (TRILLA, 2006, p.41)

O papel da escola na concepção pedagógica tradicional era oferecer uma formação meramente moral e intelectual, instruindo o aluno para uma boa convivência em sociedade. Os conteúdos de ensino eram aqueles que tinham sido acumulados ao longo dos tempos, no qual eram transmitidos como verdades absolutas, sem que o aluno pudesse questionar, ou seja, não se levava em conta a subjetividade e os conhecimentos prévios que cada aluno tinha.

A metodologia de ensino dessa concepção era a exposição oral do professor, ou seja, a apresentação dos conteúdos para a preparação do aluno, na qual sua aprendizagem se dava pela resolução dos exercícios, ou pela memorização e repetição dos conceitos que eram passados em sala de aula.

Essas características da tendência tradicional não estão muito distantes da nossa realidade, percebe-se que nas atuais práticas pedagógicas está cada vez recorrente o uso desses métodos tradicionais, voltados para uma aprendizagem mecânica. Um exemplo mais conhecido e utilizado é a avaliação, como os professores avaliam seus alunos?

Por meio de exercícios, provas escritas, comportamento em sala de aula. Isso tudo nos remete ao modelo tradicional de ensino, no qual os alunos podem simplesmente decorar determinado conteúdo para responder um exercício ou uma prova sem que aquele conteúdo seja realmente aprendido.

**OS TRÊS RELATOS DA VIVÊNCIA ESCOLAR APRESENTADO NA OBRA CAZUZA**

O menino Cazuza relata sobre suas três diferentes experiências no âmbito escolar tradicional, o seu primeiro contato foi com a escola de seu povoado Pirapemas, que ficava no interior do Maranhão, para ele a escola era algo enfadonho, triste, com aspecto de prisão e rigor de cadeia.

A relação entre professor e aluno era bem definida, o professor João Ricardo eraa autoridade máxima, e um exemplo a ser seguido. No seu primeiro contato com a sala de aula Cazuza conta, “tentei encarar o professor e um frio esquisito me correu da cabeça aos pés. O que eu vi era uma criatura incrível, de cara amarrada, intratável e feroz”. (CORRÊA, 2002, p.29)

João Ricardo era duro, grosso feroz, rígido que punia a todos e por tudo, Cazuza declarou “tudo era motivo para castigo: uma lição mal sabida, uma escrita malfeita, uma palavra errada, um cochilo, um ar distraído, até um sorriso” (CORRÊA, 2002, p.34). Eles eram levados aos mais bizarros métodos de ensino, desde ficar de joelhos em grãos de milho até “orelha de burro” e quando uns faltava todos os outros eram submetidos aos “bolos”.

O professor era o único transmissor do conhecimento, por isso havia um afastamento entre docentes e discentes, e ao aluno era exigido a total atenção, e o dever de permanecer em silêncio, não era permitido à comunicação com o professor no decorrer da aula, pois o mesmo era apenas um simples receptor.

Vemos também que a metodologia do ensino era centrada nos exercícios de memorização através das leituras repetitivas, a memorização era um método de aprendizagem muito valorizado pela escola tradicional, quando a turma de Cazuza ia estudar a lição:

O estudo era gritado, berrado. Cantava-se a lição o mais alto que se podia, numa toada enfadonha. Um inferno aquela barulheira. Trinta, quarenta, cinquenta meninos gritando coisas diferentes, cada qual esforçando-se em berrar mais alto. E quando, já cansados, íamos diminuindo a voz, o professor reclamava energicamente, da sua cadeira: - Estudem! E a algazarra recrudescia. Aquela mesma coisa, semanas inteiras, meses inteiros. Nada, nada que despertasse o gosto pelo estudo. (CORRÊA, 2002, p.34)

Desta maneira a educação se torna apenas um ato de depositar. Paulo freire em seu livro Pedagogia do Oprimido retrata sobre esse depósito:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1978, p.66)

Nessa concepção tradicional de ensino, cabia ao aluno a tarefa de decorar, fixar e repetir o que o professor ensinava, sem ter o direito de discordar ou questionar o significado ou a veracidade dos conteúdos. Esse método de memorização e consequentemente de depósito, Paulo Freire o caracteriza como “educação bancaria” onde.

1. O educador é sempre quem educa; o educando, quem é educado.
2. O educador é quem sabe; os educandos, aqueles, que não sabem.
3. O educador é quem pensa; o sujeito do processo; os educandos são os objetos pensados.
4. O educador é quem fala; os educandos, aqueles que escutam docilmente.
5. O educador é quem disciplina; os educandos, os disciplinados.
6. O educador é quem opta e prescreve sua opção; os educandos, aqueles que seguem a prescrição.
7. O educador é quem atua; os educandos são aqueles que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador.
8. O educador é quem escolhe o conteúdo programático; os educandos, aqueles que jamais são escutados, apenas se acomodam a ele.
9. O educador identifica a autoridade do saber com a sua autoridade funcional, o qual se opõe antagonicamente a liberdade dos educandos. São estes que devem adaptar-se as determinações daqueles.
10. Finalmente, o educador é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1978, p.67-68)

É sabido que essas práticas desconstroem na criança todo prazer de estar em sala de aula, pois o mesmo fica sem voz, sem vez, sem direito a opinar, sem nenhum debate, o que limita sua autonomia e sua criticidade em relação ao que lhe é apresentado. O aluno torna-se passivo dificultando assim sua aprendizagem e impossibilitando para o educando a abertura de novas perspectivas e por consequência de novos saberes.

Além da memorização os educandos, também, eram levados as diferentes formas de competições, como aponta Aranha (1990), “o esforço individual é estimulado por atividades competitivas, como torneios intelectuais e emulações constantes, incentivadas por prêmios e punições”. Com relação a isso podemos destacar na obra Cazuza dois momentos onde o prêmio e a punição era estipulada.

No primeiro, as crianças participaram da aposta da escrita, “A “aposta” fazia-se entre pares de alunos, dentro da classe. Cada par copiava um mesmo trecho de prosa e vencia o aluno que apresentasse letra mais bonita”. (CORRÊA, 2002, p.50) O vencedor recebia o direito de bater com a palmatória na mão do vencido doze vezes.

Em outro momento eles participaram da sabatina de tabuada, “era, realmente o grande pavor dos meninos do meu tempo. O professor chamava quinze, vinte, trinta alunos, colocava-os em pé, em fila, conforme a ordem de chamada, e fazia-lhes perguntas”. (CORRÊA, 2002, p.62) Diferente do primeiro momento, aqui o prêmio do aluno que acertava era a permissão de dar “bolo” não só no seu par, bem como em cada colega de classe.

Por outro lado, sabe-se que embora os professores mesmo sendo tradicionais, nem todos eram cruéis, como se pode observar no segundo contato de Cazuza com a sala de aula. Ele vivenciou experiências novas, a começar pelo lugar, sua família se mudou para a vila do Coroatá.

O menino conta que para ele tudo lá era deslumbrante, porém o que mais o encantou foi à escola, “eu, que vinha do duro rigor da escola do povoado, de alunos tristes e de professor carrancudo, tive um imenso consolo na alma, à escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia o é da noite”. (CORRÊA, 2002, p.76)

Dona Janoca era a diretora da escola e o recebeu com muito carinho. “A sua voz era doce, dessas vozes que nunca se alteram e que mais doces se tornam quando fazem alguma censura”. (CORRÊA, 2002, p.76) ela veio da capital para dirigir aquele grupo escolar, tinha um grande entusiasmo pela profissão de educadora, nunca castigava os alunos, sempre os visitava quando doentes, e, juntamente com suas irmãs reformaram a escola.

As duas irmãs da diretora lecionavam na escola, dona Neném era a professora de Cazuza, e foi quem primeiro lhe entrou no coração, “era uma criatura doce, delicada, suavíssima” (CORRÊA, 2002, p.78). A última das irmãs era dona Rosinha, que cuidava de outra classe “nem bonita nem feia. Mas irradiava tanta graça e tanto brilho quando falava, andava e ria, que se tinha a ilusão de que ela fosse formosa. Conhecia o segredo de entrar no coração das crianças” (CORRÊA, 2002, p.78).

Sobre a necessidade dessa afetividade, Miranda destaca:

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional. (MIRANDA, 2008, p.02)

Pode-se perceber que apesar da escola da vila está inserida no modelo tradicional, a conduta da diretora e das professoras é marcada por traços de afetividade que as mesmas empregavam no exercício de suas funções. Como acreditava Wallon quando afirma que os processos de cognição e a afetividade são indissociáveis.

Terminado o ano letivo da escola da vila, os pais de Cazuza o levaram para morar em São Luís, ali ele teve sua terceira e diferente experiência com a escola, o colégio Timbira era um casarão imenso, de escadaria afidalgada, com muitas janelas, muitas salas e muitos quartos, e recebia alunos externos e internos.

O diretor do colégio era o senhor Lobato já de idade, e era sem dúvida o mais competente educador da cidade, os professores eram muitos, “havia-os de todos os feitios, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam ensinar senão com berros”. (CORRÊA, 2002, p.142)

Dentre todos os professores João Câncio se destacava por ser o melhor professor do colégio, pois era diferenciado pela doçura, inteligência e ensino, por mais difícil que um assunto fosse com suas explicações ele o conseguia tornar mais fácil, João Câncio sabia o segredo de fazer com que as aulas penetrassem no fundo do entendimento dos alunos.

Observa-se que também no colégio de São Luís era trabalhado o método da premiação, os alunos no decorrer do ano eram levados a três provas de escrita, de caráter eliminatório, a última prova se dava no final do ano letivo, e somente dois alunos podiam concorrer à tão desejada medalha de ouro.

O dia tão esperado chegou, o dia de competir pelo grandioso prêmio, a disputa se deu entre Jaime que era o garoto mais rico da escola, e Floriano o mais pobre, Cazuza conta que em todas as perguntas o menino pobre se destacou, mas “o que não se podia negar é que a maioria dos professores, acostumados a lisonjear o menino mais rico do colégio, não pensavam em dar o prêmio senão ao Jaime” (CORRÊA, 2002, p.179), como de fato aconteceu, ele era o aluno predileto de muitos professores:

Se pedia licença para sair mais cedo, saía; se chegava tarde, não se lhe dizia palavra. Os professores, muitos deles, iam até o escândalo. Elogiavam, em plena aula, tudo que ele fazia de bom e fechavam os ouvidos e os olhos para não ouvir e não ver o que praticava de mau. (CORRÊA, 2002, p.152)

Sobre esse favoritismo Libâneo ressalta:

“[...] na sala de aula, o professor se relaciona com um grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula”. (LIBÂNEO, 1994, p.251)

Diante do exposto, compreende-se que não cabe ao professor fazer o uso da acepção de alunos, ou seja, tomar para si um aluno favorito. Pois esse tipo de atitude é prejudicial ao trabalho do mesmo e principalmente para o bom desempenho dos educandos, diante dessa prática os demais alunos se sentem excluídos e rejeitados, e esse tipo de sentimento pode trazer consigo o desanimo, desinteresse e falta de desejo de estar em aula, chegando a afetar assim seu rendimento escolar.

Tendo em vista que o objetivo principal do presente estudo é a relação professor-aluno, a tabela abaixo permite explorar com mais clareza a vivencia escolar de Cazuza mencionados na obra. Sendo as características abordadas: Escola, Imagem do professor, Metodologia e Aluno.

Tabela – Descrição do ambiente escolar

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
|  | Povoado | Vila | Capital | |
| Escola | Sala única para todos;  Feia;  Triste;  Ar de prisão. | Casarão com vastas Salas;  Ambiente ornamentado;  Paredes com figuras alegres;  Uma professora por turma. | Casarão imenso;  Muitas salas;  Mais de um professor por turma. | |
| Imagem do Professor | Mal-humorado;  Áspero;  Intratável;  Ameaçador. | Tranquila;  Risonha;  Doce;  Fazia-se respeitar. | Bons;  Pacientes. | Ásperos;  Desleixados. |
| Metodologia | Lições gritadas e enfadonhas;  Castigos/punições. | Lição;  Fábulas com fundo moral;  Não ralhava nunca. | Aulas com tom de novidade; explicação de fácil Entendimento;  Aulas que penetravam no entendimento. | Ensino por berros;  Valiam-se em dar cascudos. |
| Aluno | Passivo;  Amedrontado;  Triste;  Desmotivado. | Alegres;  Respeitosos. | Autônomos  Participativos | |

Fonte: Cazuza, Viriato Corrêa

Diante dos aspectos apresentados, nota-se a disparidade existente no modelo estrutural presente nas três escolas. Reconhecendo a instituição escolar como palco para diversas situações, constata-se o papel relevante que a mesma desempenha na relação professor-aluno.

Pode-se perceber que a imagem que Cazuza tinha dos professores e suas metodologias se alterou de acordo com suas experiências escolares. A postura do professor em sala e a forma como se apresentava aos alunos determinava como aconteceria a interação entre ambos. Sobre a reflexão acerca dessa postura em sala de aula, Freire salienta:

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. (FREIRE, 2011, p.64)

Portanto para o sucesso do processo ensino-aprendizagem é fundamental uma relação professor-aluno consistente, onde o professor compreenda a dimensão do diálogo, articulando as experiências dos alunos com o mundo, levando-os assim a uma reflexão do seu entorno. Assim, é a ação do professor que originará a prática do aluno, pois segundo Freire “Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres”. (FREIRE, 2011, p.64)

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude dos fatos mencionados, fica claro o quanto a relação professor e aluno influenciou a percepção de Cazuza do ambiente escolar, e como os professores que consideravam a importância dessa relação tinham mais êxito na mediação do processo ensino/aprendizagem.

Percebe-se então a importância da relação entre professor e aluno, e como os princípios afetivos colaboram para que haja uma relação de confiança e respeito mútuo, onde as questões emocionais e/ou afetivas sejam levadas em conta tanto quanto o conteúdo escolar, permitindo que ambas as partes desempenhem melhor seus papéis na pratica da sala de aula.

Nesse contexto o professor não é um mero transmissor de conteúdo, mas sim o responsável por orientar e ajudar no processo de ensino/aprendizagem, pois desempenha o papel de fortalecer a base moral do aluno que por sua vez passa a fazer parte desse processo buscando o conhecimento autônomo e valorizando o saber que possui, resultando em uma troca de ideias e experiências que podem ser compartilhadas e usadas em sala de aula.

Essa aproximação professor e aluno, permitirá que a escola se apresente como um instrumento do saber e agente de transformação, ou seja, além de ser um lugar de formação escolar, a instituição favorecerá o desenvolvimento do aluno como um todo. Esse processo possibilita que os sujeitos que a integram tenham uma compreensão de mundo permitindo-lhes uma prática capaz de interferir em seu meio social, a fim de promover uma renovação na estrutura escolar.

**Referências:**

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da Educação**. 2° ed. São Paulo: Moderna, 1990.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza.** 41° ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 5º ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MIRANDA, Elis D. S. **A Influência da Relação Professor-Aluno para o Processo de Ensino-Aprendizagem no Contexto Afetividade**. Vitória, 2008.

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**.2011.https://novaescola.org.br/conteúdo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon. Acesso em: 17 de set, 2018.

TRILLA, Jaume. **A Pedagogia da Felicidade:**superando a escola entediante*.* Porto Alegre: Artmed, 2006.